

REVISTA ADVENTISTA

Director e Editor: ERNESTO FERREIRA
Administrador: P. BRITO RIBEIRO

Corpo de Redacção: F. Cordas, J. A. Esteves,
E. Ferreira, M. Lourinho, E. Miranda, S. Reis e
M. Miguel.

Proprietária: UNIÃO PORTUGUESA
DOS ADVENTISTAS DO SÉTIMO DIA

REDACÇÃO E ADMINISTRAÇÃO:
RUA DE JOAQUIM BONIFÁCIO, 17 — LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO:
TIP. GOMES & RODRIGUES, LDA.
32, RUA DAS PICOAS, 34 — LISBOA

Número avulso 1\$50
Assinatura anual 15\$00

ANO XVI

MARÇO 1955

N.º 102

CAMPAÑA DAS MISSÕES

«Depois disto designou o Senhor ainda outros setenta, e mandou-os diante da Sua face, de dois em dois, a todas as cidades e lugares aonde Ele havia de ir. E dizia-lhes: Grande é, na verdade, a seara, mas os obreiros são poucos; rogai, pois, ao Senhor da seara que envie obreiros para a Sua seara.» «E voltaram os setenta com alegria.» (Luc. 10:1-3, 17).

Para a conquista de almas, a época da Campanha das Missões, que este ano se inicia em 2 de Abril, deve ser o maior período do ano, no qual toda a igreja, em todo o Mundo, sairá para os brancos campos da seara. Deus concedeu-nos favor diante do povo, e tem havido boa vontade em dar generosamente. Cumpre-nos, porém, cuidar imediatamente da messe espiritual de almas que esperam apenas ser recolhidas no celeiro celestial.

Consideremos um momento o nosso texto. Na primeira parte do Seu ministério, Cristo ordenou doze dos Seus discípulos, a fim de com Ele estarem continuamente, observarem Seu exemplo e receberem instruções para a importante obra a ser-lhes confiada. Tempos depois, chamou e designou outros setenta, para ajudarem no ministério evangélico e, ao enviá-los, disse-lhes: «Grande é, em verdade, a seara, mas os obreiros são poucos.» De igual modo, se Jesus estivesse conosco em pessoa mandar-nos-ia levantar os olhos e contemplar os campos em todo o Mundo, observando a grande messe de almas que espera ser recolhida, antes que as nuvens tempestuosas enegreçam inteiramente o Céu.

Devemos aceitar este encargo, nestas horas finais da grande ceifa em todo o Mundo. Não devemos limitar a graça divina para alcançar os que estão sem Cristo, e, ao sairmos, cumpre-nos orar também para que outros se unam às nossas filei-

ras. Cabe-nos animar a outros para que nos ajudem; é mister alistá-los e prepará-los. Jesus enviou os setenta a cada cidade e lugar. Assim trabalhamos nós na Campanha das Missões, e que temos a apresentar quanto a almas ganhas para Cristo.

Caro leitor, que dizes do grande objectivo da Campanha das Missões? Respondes: «Arrecadar fundos para as missões»? Cremos que o primeiro e último propósito é o de tocar o coração. Há grande colheita de almas a fazer-se entre os nossos amigos que dão liberalmente para esta causa, ano após ano. Cumpre-nos não esquecer este campo à nossa própria porta, ou dentro de nossas próprias fileiras, enquanto ajuntamos fundos para os campos distantes. Sim, precisamos dos recursos, mas o Senhor deu-nos esta Campanha para termos oportunidade de entrar em contacto com muitas pessoas que possivelmente jamais seriam alcançadas de outra maneira. Entramos em seus lares, em seus escritórios, e temos ocasião de falar-lhes pessoalmente, ao fazermos o apelo em favor do nosso trabalho mundial. E em nosso espírito sempre deve ser supremo o pensamento: Que posso fazer hoje, e no futuro, para levar essas pessoas ao pleno conhecimento da verdade?

Nunca como hoje foram as condições mundiais tão favoráveis para nos proporcionar um meio de aproximação. As pessoas que pensam vêm prontamente não haver solução humana para os problemas mundiais, e reconhecem que, para salvar a civilização, deve existir algum poder além e acima das nossas consecuições actuais. Eis a nossa oportunidade áurea de apontar o caminho para Cristo e para as grandes profecias bíblicas, que indicam tão claramente onde nos achamos na história terrestre.

Departamento da Missão Interior

Lembraí-vos da Mulher de Lot

por E. FERREIRA

Os últimos tempos da história do Mundo são comparados por Jesus aos dias anteriores à destruição de Sodoma, em que reinava o mais absorvente materialismo, com o consequente desprezo dos valores eternos.

«Como... aconteceu nos dias de Lot: comiam, bebiam, compravam, vendiam, plantavam e edificavam; mas no dia em que Lot saiu de Sodoma choveu do Céu fogo e enxofre, e os consumiu a todos, assim será no dia em que o Filho do homem Se há-de manifestar.» (Luc. 17:28-30).

Se as lições da destruição de Sodoma constituem uma advertência para nós, há certo pormenor com ela relacionado que merece uma atenção especial — o destino inglório da infeliz sobrinha de Abraão. Jesus nos convida a deter sobre ela o nosso pensamento, dizendo-nos: «Lembraí-vos da mulher de Lot». (Luc. 17:32).

Sodoma no tempo de Lot

Sodoma encontrava-se numa bela e fértil planície, que nas Escrituras é comparada ao próprio Éden: «Era como o jardim do Senhor.» (Gén. 13:10).

Infelizmente não existem restos da cidade que nos apresentem documentos autênticos do esplendor da vida dos seus habitantes. Durante muito tempo, ignorou-se mesmo o local preciso em que se levantaram os seus edifícios. As excavações ultimamente feitas não nos trouxeram à luz senão insignificantes vestígios.

Mas podemos fazer uma ideia do seu luxo e esplendor, pelas excavações duma cidade contemporânea, Ur dos Caldeus, onde foram trazidas à luz as ricas habitações do tempo de Lot. As casas eram em geral constituídas por rés-do-chão e primeiro andar, algumas delas com treze e catorze divisões, dando todas para um pátio central descoberto. Ricas decorações as aformoseavam; os objectos de prata e ouro eram abundantes; os móveis, artisticamente trabalhados: estatuetas de deuses podiam ver-se aqui e além. As senhoras adornavam-se luxuosamente, podendo ainda hoje admirar-se alguns dos ténues fios

de ouro com que realçavam a beleza dos seus cabelos.

Dada a amenidade do clima, a fertilidade do solo e a prosperidade do comércio, o trabalho não era absorvente. Pelo contrário, os abastados habitantes de Sodoma entregavam-se à ociosidade, companhia de todos os vícios. Daí, a sua depravação moral. «Esta foi a maldade de Sodoma, tua irmã: Soberba, fartura de pão, e abundância de ociosidade teve ela e suas filhas: mas nunca esforçou a mão do pobre e do necessitado.» (Ezeq. 16:49).

Que triste a apreciação dada pelas Sagradas Escrituras acerca dos moradores dessa ímpia cidade: «Eram maus os habitantes de Sodoma, e grandes pecadores contra o Senhor!» (Gén. 13:13).

As cenas da última noite revelam-nos claramente a que profundidade tinha descido a baixeza dos seus sentimentos e das suas práticas perversas. No entanto, «aquela noite não se distinguiu por maiores pecados do que muitas outras anteriores». (*Patriarcas e Profetas*, p. 171).

A onda de corrupção que dali ameaçava alastrar-se apenas podia ser detida pela destruição da cidade. E assim Sodoma foi posta «por exemplo, sofrendo a pena de fogo eterno». (Judas 7).

A corrupção moderna não se limita, porém, a umas poucas cidades, mas está disseminada por todo o Mundo, ultrapassando em muitos casos a ousadia dos ímpios moradores de Sodoma. Eles não tinham o conhecimento da verdade revelada que muitos dos nossos contemporâneos possuem. Talvez a milhões dos actuais habitantes da Terra se apliquem as palavras de Jesus proferidas a respeito de alguns judeus do Seu tempo: «Mais tolerância haverá naquele dia para Sodoma». (Luc. 10:12).

Ora, assim como Sodoma foi destruída pelo fogo, pelo mesmo elemento será destruído o mundo impenitente. «Os Céus e a Terra que agora existem, pela mesma palavra se reservam como tesouro, e se guardam para o fogo, até o dia do juízo, e da perdição dos homens ímpios.» (2 Ped. 3:7).

Escapa-te por tua vida

Pela misericórdia de Deus, a esposa de Lot, com o seu marido e duas filhas, foi libertada da conflagração final da cidade. Anjos de Deus foram enviados a sua casa. Apesar de hesitantes, Lot e os seus partiram, diríamos, quase à força. Lot demorava-se, mas «aqueles varões lhe pegaram pela mão, e pela mão de sua mulher, e pela mão de suas duas filhas, sendo-lhe o Senhor misericordioso, e tiraram-no, e puseram-no fora da cidade. E aconteceu que, tirando-os fora, disse: Escapa-te por tua vida.» (Gén. 19:16, 17).

A fim de não perecermos com o mundo impenitente, não fomos nós libertados também?

Houve tempos em que estávamos «mortos em ofensas e pecados», «sem Cristo, ... não tendo esperança, e sem Deus no Mundo.» «Andávamos nos desejos da nossa carne, fazendo a vontade da carne e dos pensamentos; e éramos por natureza filhos da ira, como os outros também.» «Mas Deus, que é riquíssimo em misericórdia, pelo Seu muito amor com que nos amou, estando nós ainda mortos em nossas ofensas, nos vivificou juntamente com Cristo.» (Efés. 2:1, 3-5, 12).

Sentimos hoje calafrios ao pensarmos que andávamos no caminho que nos levava à perdição eterna. Muitos de nós fomos «como um tição arrebatado do incêndio.» (Amós 4:11).

Quantos motivos não tinha a mulher de Lot para estar grata pela misericórdia de que fora objecto! E quão gratos não devíamos nós estar também pela maravilhosa libertação que desfrutámos, ao sermos chamados «pelo Seu decreto!»

A mulher de Lot olhou para trás

Levada com a sua família, pelos anjos, a mulher de Lot tinha diante de si o privilégio da vida, ao passo que os seus concidadãos iam perecer. É certo que deixava atrás de si os haveres, mas não é a vida mais preciosa do que todos os bens transitórios do Mundo? Como ela se lembrava, com saudade, da sua casa, dos seus ricos móveis, das suas amigas, dos seus divertimentos, dos seus prazeres, de tudo quanto fazia as delícias da sua vida! Os seus pés iam subindo a encosta da montanha, mas o espírito estava preso por cordas indissolúveis à vida fútil que antes levava. Dominada pela agridoce atracção

do pecado, «olhou para trás». (Gén. 19:26). E, olhando para trás, perdeu-se.

Quando Jesus nos disse para nos lembrarmos da mulher de Lot, foi, sem dúvida, esse gesto que Ele nos aconselhou a termos na mente.

Não será triste se, depois de termos sido chamados, rejeitarmos a grande salvação que nos está proposta e voltarmos à nossa anterior vida de pecado?

Advertiu-nos o Salvador: «Ninguém que lança mão do arado e olha para trás é apto para o reino de Deus.» (Luc. 9:62).

Merecem meditação especial as palavras que se lêem em Hebreus: «Se pecarmos voluntariamente, depois de termos recebido o conhecimento da verdade, já não nos resta mais sacrifício pelos pecados, mas uma certa expectação horrível de juízo, e ardor de fogo, que há-de devorar os adversários.» (Heb. 10:26, 27).

Agora, que fomos chamados, prossigamos sem desfalecimento a nossa carreira. Esquecendo-nos das coisas que atrás ficam, e avançando para as que estão diante de nós, prossigamos para o alvo, pelo prémio da soberana vocação de Deus em Cristo Jesus.» (Fil. 3:13, 14).

Mais uma vez ouçamos o conselho do apóstolo Paulo: «Não rejeiteis a vossa confiança, que tem grande e avultado galardão. Porque necessitais de paciência, para que, depois de haverdes feito a vontade de Deus, possais alcançar a promessa. Porque ainda um pouquinho de tempo e o que há-de vir virá e não tardará. Mas o justo viverá da fé; e, se ele recuar, a Minha alma não tem prazer nele. Nós, porém, não somos daqueles que se retiram para a perdição, mas daqueles que crêem para a conservação da alma.» (Heb. 10:35-39).

Em vez de olharmos para trás, como a mulher de Lot, olhemos sempre para a frente — para as portas de pérolas e as ruas de ouro da santa cidade, e, sobretudo, para Aquele, mais precioso do que todas as riquezas, mais amável do que todos os amigos, cujo olhar acolhedor, fazendo-nos esquecer os sofrimentos e dificuldades do passado, extasiará os nossos sentidos e arrebatará a nossa mente.

VISADO
PELA COMISSÃO
DE CENSURA

Assembleias anuais em Angola

por Manuel Lourinho

Realizaram-se, na União de Angola, durante o ano de 1954, dezoito assembleias anuais. Todos os Campos missionários viram uma desusada afluência de membros de igreja e interessados na Mensagem, durante estas assembleias.

Na impossibilidade de enquadrar, no tempo próprio, todas as assembleias, foi resolvido realizá-las, simultaneamente, em várias Missões, e destacar os obreiros da sede, segundo as suas possibilidades, para nelas tomarem parte.

Chegado da minha longa viagem à Conferência Geral, fui apontado para tomar parte nos Congressos do Cuale, Luz, Lucusse, Bongo e Luanda.

Foi um privilégio, que muito apreciei, poder levar aos milhares de assistentes às nossas Assembleias, deste vasto Campo, as boas notícias da Conferência Geral, bem como fazê-los participantes das minhas experiências nos contactos com a nossa Obra na África do Sul, Inglaterra e Estados Unidos.

O primeiro Campo missionário a visitar foi o Cuale. Além dos dois Congressos previstos, tornou-se necessário organizar um terceiro, visto o grande número de assistentes que forneceram as vastas áreas da Missão ultrapassar o contingente verificado em qualquer ano anterior.

Os Pastores Candeias e Américo Rodrigues, bem como o professor Carlos Esteves, prestaram uma óptima colaboração neste Congresso. Foram realizados 145 baptismos e 103 almas responderam aos apelos, avançando junto à tribuna, dedicando as suas vidas a Deus e decidindo guardar os Mandamentos do Senhor.

A Missão do Cuale é uma das Missões de grande futuro. A sua juventude é numerosa. O seu edifício escolar, de construção moderna, é, sem dúvida, o melhor e mais bem apetrechado de toda a União.

Da Missão do Cuale seguimos para a Missão da Luz. Depois de mais de mil quilómetros de viagem por estradas mal tratadas, carecidos de merecido repouso, chegámos à sede deste Campo missionário.

Ali nos esperavam os missionários Castro e Baião que ultimavam os preparativos para o Congresso da sede da Missão. De-

víamos realizar ainda mais três Congressos no vasto território deste Campo missionário: em Vila Luso, Natepa e Teixeira de Sousa. Este último Congresso realizou-se, num aprazível lugar, junto à fronteira do Congo Belga.

Em Vila Luso, o Soba Suco, com a sua luzida farda, oferecida pelas autoridades administrativas, aquando da visita de S. Ex.^a o Senhor Presidente da República, esteve presente em todas as nossas reuniões. Acedendo a tomar a palavra, fê-lo para exortar todos os seus súbditos a frequentar as catequeses, a enviarem os seus filhos às escolas adventistas e honrarem os missionários, grandes amigos do povo de Angola.

As suas palavras foram muito apreciadas e constituí um estímulo para nós, constatar como as autoridades gentílicas apreciam a nossa acção missionária. Foram baptizados 106 novos conversos e 85 dedicaram as suas vidas ao Senhor e à prática dos Seus Mandamentos.

Veio depois a vez da Missão do Lucusse. O Congresso foi realizado na sede da Missão, num escolhido lugar à sombra das mangueiras.

Estávamos na terra dos Luenas. O Pastor Castro e família tiveram a gentileza de nos acompanhar e colaborar connosco nesta Assembleia.

A família Chaves sentiu-se muito feliz com os visitantes. Foram dadas boas mensagens a toda a assistência, na qual se viam bom número de comerciantes vizinhos, e onde não faltou a presença do simpático Chefe do Posto, sr. Reis, funcionário zeloso e cumpridor, grande amigo da obra das Missões.

Dezanove novos crentes foram baptizados, na terra dos luenas, passando das trevas do paganismo para a obediência dos princípios do Evangelho de Jesus.

Foi ao som de belos hinos, cantados pelos nossos jovens dessa terra tão necessitada, que nos despedimos, naquela manhã de domingo, de regresso a Nova Lisboa. Era preciso percorrer os 750 quilómetros que nos separavam da sede da União, por estradas que bem podem ser chamadas autênticas ratoeiras para carros.

As Assembleias dos Campos missionários do Bongo e Nova Lisboa, tinham sido dirigidas pelo Pastor Casaca. O seu relatório, de como tudo decorreu, foi excelente. O Pastor Jewell, secundado pelo irmão Morgado, tinha tomado a responsabilidade dos Congressos da Missão da Namba.

Restava-nos agora a grande Assembleia do Bongo. Ali devia encontrar-se todo o pessoal da sede da União. Este Congresso teve a valorizá-lo a colaboração do Pastor Haberey, auditor da Divisão, que se encontrava de visita a Angola. Infelizmente, um forte ataque de paludismo, que me atirou para a cama durante dez dias, não me permitiu tomar parte além da reunião de abertura.

Os nossos irmãos ficaram radiantes e animados com o belo relatório que apresentámos dos trabalhos da Conferência Geral e do maravilhoso incremento que a Obra de Deus conheceu durante estes quatro últimos anos.

Mais de três mil assistentes estiveram connosco durante os três dias que durou o Congresso do Bongo.

No culto solene, do dia de sábado, o Pastor Haberey fez um vibrante apelo e 187 pessoas vieram junto da tribuna dedicando as suas vidas e pedindo as nossas orações.

De tarde teve lugar a grande festa baptismal, ali, junto às margens do pequeno rio que corre no território da Missão.

Hinos de louvor e gratidão subiram aos Céus enquanto os Pastores sepultavam as 268 almas que entravam, alegres, no seio

da igreja, nessa bela tarde de 25 de Setembro.

O Congresso de Luanda, a linda capital da Província, foi o último a ser realizado. Aos Pastores Jewell, Casaca e este vosso servo, veio depois juntar-se o Pastor Hermonson que regressava das suas férias aos Estados Unidos.

A linda sala de culto de Luanda esteve sempre cheia de atentos ouvintes. A juventude tomou parte activa nas reuniões. Milhares de convites e centenas de folhetos foram distribuídos por toda a cidade. Regressámos de Luanda com a convicção de que Deus tem muitas almas a salvar naquela importante cidade.

Por toda a parte os obreiros têm mais trabalho do que podem fazer. Alguns dentre eles trabalham, incessantemente, a despeito duma saúde abalada. E o número de membros cresce, continuamente, com a ajuda do Senhor.

O relatório do ano passado regista 1.545 novos membros. Na escola sabatina temos mais de 20.000 membros.

Bem pode dizer-se de Angola que «a seara é realmente grande, mas poucos os obreiros».

Os milhares de membros da igreja e da escola sabatina, as centenas de pessoas que frequentam as classes baptismais e os milhares de habitantes de Angola que ainda não foram atingidos pelo Evangelho de Nosso Senhor Jesus Cristo, apelam para vós, queridos irmãos, e ousam suplicar as vossas orações.

D Í V Í D A S

por G. F. ELINGER

Para começar um assunto de tanta importância, realmente não há um conselho melhor e mais adequado do que citar o importante conselho a nós dado pelo apóstolo Paulo em Romanos 13:8: «A ninguém devais coisa alguma...»

Há muitas pessoas que não sabem o que é débito, porque confundem esta palavra com outra quase igual, que se chama crédito, não sabendo que há uma diferença muito grande entre ambas. Outros acham que ter débitos é coisa perfeitamente lícita e sem importância alguma, porque o mundo hoje em dia só fala em débitos. Ter débitos tornou-se comum nos nossos dias.

Existem pessoas que pretendem ser cristãos e que não vêem nada de mal estarem devendo a todos. Outros há que sabem que não é lícito ter dívidas, mas justificam-se de uma ou outra maneira, dizendo que não recebem o suficiente e que precisam viver; portanto, são forçados a fazerem dívidas.

«DÉBITO! Não há coisa pior para demoralizar o nosso carácter. O triste relatório de fraudes, furtos e de fracassos financeiros desonestos de que falam constantemente os jornais diários, são muitas vezes, e quase sempre, o resultado da demoralização do débito que tem como consequência o desesperado esforço de extracção. O suporte financeiro ruí... Débitos não sòmente destroem muitos lares, mas também caracteres, são a hipoteca do diabo sobre as nossas almas, e ele sempre está pronto para arrematar os bens penhorados. Paga todas as tuas contas.

Olha para todos os homens na face, sabendo que não deves ao mundo mais do que este te deve. Não sejas devedor de coisa alguma a não ser o amor, e mesmo este é preciso que tenhas a certeza que o pagues com ternura e que o pagues frequentemente.» Talmage.

Não te tornes servo se podes ser senhor, porque Prov. 22,7 diz: «e o que toma emprestado servo é do que empresta.» A palavra de Deus vai mais além de um simples débito, pois em Êxodo 23:14 lemos: «E se alguém ao seu próximo pedir alguma coisa, e for danificada ou morrer, não estando presente o seu dono, certamente a restituirá.» Não foi debalde que o jovem estudante na escola dos profetas, cujo machado tinha caído na água, no tempo de Elizeu, se sentiu tão triste e vexado, «porque era emprestado» (2 Reis 6:5). Era apenas um machado que caíra na água, não obstante era um motivo bastante grande para que o profeta de Deus realizasse um milagre, restituindo o machado «porque era emprestado». Desta lição tão simples, mas cheia de tanta significação também para os nossos dias, aprendemos que Deus está disposto a ajudar a todos que com sinceridade e honestidade procuram cumprir com os seus deveres a este respeito.

Há perfeita felicidade para todos aqueles que temem a Deus, e um homem bom «disporá as suas coisas com juízo.» (Ps. 112:5). Diz uma outra tradução «com discreção» (com cuidado, com cautela). Todos temos o sagrado dever de cuidar das nossas finanças e de tal forma que não venhamos a entrar em dívidas. Há um velho provérbio que diz: «Se a cobertura com a qual nós nos cobrimos, é curta, é preciso encolher as pernas». Realmente não há um conselho melhor do que este na questão financeira. Há realmente muitas coisas que gostaríamos obter ou possuir, mas se não temos o dinheiro necessário em reserva para fazer tais gastos, não o compreemos, se o fizermos, entraremos em dívidas, e é isto que a Palavra de Deus nos proíbe.

Procuremos obedecer e dar ouvidos ao que diz o sábio Salomão em Provérbios 13:18: «Pobreza e afronta virão ao que rejeita a correção, mas o que guarda a repreensão será venerado.» Há negociantes, ao serem perguntados por alguém porque não vendem fiado, respondem: «É porque não quero perder o dinheiro e os amigos.» Que grande verdade existe nes-

tas palavras. Há muitos que não desejam serem lembrados das suas dívidas, e a pessoa que lhes chama a atenção às mesmas, muitas vezes tem que contar com os maiores desaforos e encontrar neles um inimigo, em vez de um amigo. Um ai é lançado por Deus sobre os que devem, e recusam saldar prontamente as suas contas, quando são admoestados para assim fazer. «Ai daquele que multiplica o que não é seu! e daquele que carrega sobre si uma dívida!» Habacuc 2:6.

«Contrair dívidas é causa de grande desonestidade... Jovens estão descendo e descaradamente entrando em dívidas, e a imoralidade campeia através da sociedade humana. Os apetites estão tornando-se cada vez mais extravagantes e luxuriosos, sem que os rendimentos dêem margem para tal, mas não obstante são satisfeitos, dívidas são feitas, que depois pesam qual uma pedra de moinho ao redor do pescoço... O plano mais sábio é não abrir contas, e nunca entrar num débito, e se por qualquer motivo tivermos entrado num débito, devemos liquidá-lo tão depressa como isto nos for possível. Um homem com dívidas não é dono de si mesmo, torna-se um escravo daquele a quem deve. Ninguém é livre enquanto deve. O inevitável efeito das dívidas não é somente prejudicar-nos na nossa independência pessoal, mas no correr do tempo implica em degradação moral. O devedor é exposto constantemente a humilhações.» «Trift» by Samuel Smiles, páginas 243-247.

O seguinte testemunho sobre o assunto de finanças é dado por uma senhora que vivia em Chicago e que viveu feliz durante 50 anos de casada. Diz ela: «Eu sei o motivo porque João e eu vivemos felizes durante os nossos 50 anos de casados. Em primeiro lugar, temos tomado por regra de nunca entrarmos em dívidas. Eu vivi em Chicago trinta e oito anos, e nunca durante todo este tempo eu devia a ninguém um centavo... Eu creio que uma boa porção de infelicidade e descontentamento é causada em gastar mais do que se recebe. Era o nosso costume de comprar apenas o que realmente tínhamos necessidade, e então fazer ponto final.» Chicago Tribune, Aug. 24, 1902.

Faço votos que o lindo testemunho desta senhora sirva de uma lição permanente para cada um de nós. Nunca quereremos dever um centavo a quem quer que seja.



PÁGINA DA JUVENTUDE

OS JOVENS E A VIDA SOCIAL

(Conclusão)

Casamento

A aspiração máxima de todos é serem felizes. Muitos procuram logrã-lo através do casamento.

«O casamento é um maravilhoso dom de Deus ao homem». Formulados são, pois, sem número de sonhos de ventura, architectados em torno da vida no lar. Porém, desfazem-se contra a pétrea rocha da realidade; e esses palácios antevistos na juventude, transformam-se por vezes em túgúrios, onde morre o amor e murcham as ilusões.

«O amor não é sentimentalismo doentio, nem paixão egoísta, nem cálculo de conveniências pessoais». (*Basta o Amor?*, prefácio). Mas ele transforma-se e cristaliza-se na vida familiar.

Diz a senhora White: «O vínculo de família é o mais íntimo, o mais terno e o mais sagrado de todos na Terra. Foi designado a ser uma bênção para a humanidade e assim o é sempre desde que se entre para o pacto matrimonial inteligentemente, no temor de Deus e tomando em consideração as suas responsabilidades.» (*A Ciência do Bom Viver*, p. 307).

Quando os nubentes seguem racionalmente os planos de Deus, há alegria e felicidade no lar. A casa torna-se um lugar aprazível e abençoado, é um pequeno céu na Terra. Mas sendo Deus esquecido e seus planos abandonados, há tristeza e angústia. Torna-se desolada a casa e a vida uma carga.

Cortejar deve ser o início do casamento. É o tempo em que as ideias se associam e os ideais são estabelecidos. É uma espécie de experiência. Tempo de conhecimento mútuo. O respeito e as atenções contraídas não devem terminar com o casamento; deve pelo contrário ampliar-se.

O desejo de ter um lar próprio é um dom e um sentimento divinos. Os que encontram a verdadeira felicidade no casa-

mento devem ter as bênçãos do Céu em todos os seus planos. Sômente onde reina Cristo pode haver profundo e verdadeiro amor. Haverá uma verdadeira união de alma com alma e as duas vidas se entrelaçarão numa inquebrantável harmonia. Os anjos de Deus serão hóspedes de tal lar e suas vigilantes visitas protegerão os membros da família.

Desde os alvares da criação que Deus instituiu os sagrados laços do matrimónio. Vivendo o homem só, pouco depois recebeu de Deus uma adjutora, para que estivesse diante dele, e duma das suas costelas, portanto osso de seu osso, Deus formou a primeira mulher e deviam ser depois, conforme Deus ordenou: «dois numa só carne», dizendo mais o Criador: «portanto deixará o varão o seu pai e a sua mãe e apegar-se-á a sua mulher...»

O casamento é em si um acto de separação — abandona-se o lar paterno, o convívio da família; e um acto de união —, unimo-nos àquela que recebemos como esposa e companheira.

O jovem formando um novo lar torna-se mercê das circunstâncias, independente e autónomo. Não mais vive debaixo daquela sujeição e dependência paternal que sobre ele se fez sentir durante tantos anos. A vida abre-se-lhe agora, de par em par, que ele é o chefe, aquele que tem o direito e o dever de saber mandar. A janela da vida, abre-se-lhe agora, de par em par, para que ele a possa viver não sozinho, não isoladamente mas conjuntamente com aquela que é metade de si mesmo, e que o completa.

Depois deste passo o esposo tem também deveres a cumprir, normas a respeitar. O seu lar, como outro qualquer a princípio, é formado por duas pessoas: ele e a esposa. E se ele é a cabeça ela é o centro do lar, com deveres e obrigações também. Deve saber mandar, organizar e desenvolver no lar tal acção, que deixe antever a sua preparação para este acto.

Uma das causas que tem levado muitos lares à ruína tem tido como motivo o marido não ouvir nem tão-pouco permitir opiniões formuladas pela esposa. Julgando que apenas ele sabe, pode e deve, coloca o seu lar em inferioridade em relação aos outros.

Num lar bem fundado, a esposa não deve ser considerada escrava, ou simples animal doméstico, mas sim uma companheira, leal e devotada, que pode tornar o lar atraente e feliz. Se todo o esposo se propusesse tratar a esposa com deferência e cortesia, seriam poucos os problemas pessoais e as divergências diminuiriam.

Todo o esposo deve considerar com cuidado a sua relação para com aquela que é sua esposa, guardiã do seu lar e a mãe de seus filhos. Deve dar-lhe a mesma posição e deferência que com ela tinha antes de lhe pertencer. A felicidade, alegria e saúde dependem em grande parte da maneira como ele a trata.

A senhora White diz: «O esposo e pai retraído, egoísta, despótico, não somente é infeliz em si como lança sombras sobre todos os que o cercam em casa. Ele há-de colher o resultado vendo a esposa desalentada e doentia e os filhos manchados pelos desagradáveis traços do seu próprio carácter».

O marido sendo fisicamente mais robusto e tendo uma maior resistência nervosa, deve ajudar a esposa, como mais fraca, a solucionar os complexos problemas do lar. Toda a esposa precisa de auxílio e apoio moral que apenas o marido lhe pode dispensar. Ele ao dispensá-los pouco lhe custa. Para ela, no entanto, muito significa recebê-los.

Segundo o conceito bíblico existe a seguinte norma que a família no lar deve respeitar; é dito aos filhos: «Vós, filhos, sede obedientes a vossos pais no Senhor, porque isto é justo.» Aos pais é dito: «Vós pais, não provoqueis a ira a vossos filhos, mas criai-os na doutrina e admoestação do Senhor.» A esposa diz-se: «Vós, mulheres, sujeitai-vos a vossos maridos, como ao senhor.» Ao esposo: «Maridos, amai as vossas mulheres...»

O casamento é, pois, um passo importante na vida e é o grande objectivo, o supremo alvo para o qual se dirigem com mais ou menos pressa, a juventude de nossos dias, como o fizeram os jovens dos tempos idos. Mas por vezes este acto decisivo surge em momentos e circunstâncias

para que não estamos preparados convenientemente.

Não se pode pensar a sério no matrimónio sem pensar no magno problema dos filhos no lar. A atitude do pai e da mãe tem um grande valor. Nunca os filhos devem considerar o seu progenitor como pessoa rude, egoísta ou desagradável nas suas maneiras. A influência dum verdadeiro pai manifestar-se-á sempre na vida dos filhos. Se o pai se sente orgulhoso dos filhos estes por sua vez também devem ter o mesmo sentimento em relação ao pai.

No caso da esposa a sua grande preocupação deve ser o esposo e o lar. Ela deve fazer os possíveis para que quando o marido chegue a casa tudo aquilo que ele gosta e faça parte dos seus costumes, esteja ao seu alcance. Ao marido cabe a última palavra, a última ordem e para não haver atrito a esposa deve compreender isso mesmo. Ela deve e pode animar também o esposo no seu trabalho. Não deve contribuir com a sua atitude, quer de crítica quer através duma vigilância doentia, para que ele crie este traço inconveniente intitulado complexo de inferioridade.

Um dos assuntos de primordial importância a considerar no casamento é a questão financeira. Ela tem queimado muitos lares. A falta de recursos no lar é o vírus que molesta, a traça que rói e destrói muitos dos lares modernos. Por vezes as dívidas levantam-se nos lares como fantasmas, que perseguem por toda a parte. Há despesas diárias, as doenças surgem, os meses e semanas parece que se dilatam, e o dinheiro foge antes que termine o factor tempo a que o dinheiro devia fazer face.

Sendo pobres, no entanto, a maioria dos lares podem e devem ser honrados, desde que se respeitem os compromissos tomados.

Um lar que é bem organizado no aspecto financeiro, tem já grandes probabilidades de ser um tanto ou quanto feliz.

O magno problema que se levanta no lar, é aquele que se prende com o aspecto religioso; ele é primordial e exerce grande influência. Havendo por parte de ambos a compenetração e a certeza duma esperança numa vida melhor, as tristezas e lutas de seu lar, são suavizadas pela esperança no lar eterno e mais feliz. Com o pensamento da nossa transitoriedade neste Mundo, os cônjuges não se entregarão a uma vida apenas material, mas sentem que depois

MUNGULÚNI

por A. C. LOPES

— Ainda falta muito?

— Não, já estamos perto.

E, de facto, estávamos. A seguir a uma curva apertada, semi-oculta pela densa copa das mangueiras que marginam a estrada, surgiu, inesperadamente, uma tabuleta branca cujos dizeres conseguimos ler, enquanto o camião manobrava para entrar no desvio indicado pela seta: «Missão de Mungulúni — 6 Kms.».

Viajámos 80 Kms. na estrada de Mocuba a Namarrói, no distrito da Zambézia, província de Moçambique, a caminho do nosso novo campo de trabalho, vindos do inesquecível campo missionário de Angola; e, enquanto o camião transpunha os escasos quilómetros que agora nos separavam de Mungulúni, pusemo-nos a lembrar o que sabíamos a respeito desta Missão.

Fundada em 1933, a missão não tem cessado de disseminar a preciosa semente do Evangelho, durante os seus 22 anos de existência. Os quinhentos e trinta e quatro membros baptizados, que foram arrancados à vida degradante do paganismo, atestam que o Evangelho é ainda o poder de Deus para salvação daquele que crê. E as onze catequeses dirigidas por outros tantos catequistas, com os seus 2.245 membros da Escola Sabatina, são a garantia de uma intensa e permanente campanha de evangelização, que a seu tempo dará os seus frutos.

Já transpuséramos os limites da Missão, cuja área abrange 100 hectares. Faltava-nos agora vencer a última subida que conduz a um espaçoso terreiro, em volta do qual se erguem os edifícios da missão; mas já divisamos os cumes dos telhados, os beirais, as vergas, as portas — os edifícios inteiros! como numa demonstração simples da esfericidade da terra. Estávamos em Mungulúni!

Em breve ficávamos rodeados de uma multidão de rapazes, homens e mulheres que nos cumprimentavam de variados modos: continências, acenos, palmas e sorrisos. Estes dois que se apresentam agora são os pastores nativos Artur e Horácio, homens experientes na evangelização, com uma larga folha de bons serviços para Deus e para os homens. Aqueles ali são os catequistas Jorge e Guilherme, que leccio-

nam na Missão. Mas é impossível reter por agora o nome de todos quantos vimos e nos deixam boa impressão.

A Missão está «edificada sobre um monte» donde se avista larga e formosa paisagem. Vemos a igreja, a escola, a carpintaria, o dispensário, a casa do pastor, as casas dos missionários e o escritório. Dizem-me que tudo isto foi feito no tempo do Pastor M. M. Webster, auxiliado pelos Irmãos Freire e Gouveia, e que foi ele, juntamente com o Pastor O. U. Giddings, o fundador da Missão. Seguiram-se-lhe o Pastor E. P. Mansell e Irmão S. J. Graça, que deram forte estímulo ao trabalho missionário. Olhamos em redor e vemos ao longe a silhueta azulada da serra Labone, servindo de fundo aos edifícios da Missão, e o pontilhado escuro das palhotas dispersas pela vastidão da baixa verdejante. E somos levados a dar graças a Deus, reconhecidamente, pela escolha do lugar, pelo esforço dos que nos antecederam, pela generosidade dos nossos membros em todo o Mundo, pela dedicação dos crentes e dos obreiros nativos que nos rodeiam, pela liberdade religiosa que as simpáticas autoridades portuguesas nos concedem, por tudo, enfim, que tornou possível o estabelecimento e desenvolvimento desta Missão.

Falámos de Mungulúni, mas não ainda das suas necessidades que são grandes, assim como as do restante campo de Moçambique, no que respeita a centros de evangelização, escolas, dispensários e um hospital, pelo menos. O espaço é reduzido demais para falarmos detalhadamente de cada um destes objectivos; mas a compreensão dos nossos crentes é grande e a sua generosidade sempre correspondente. É, pois, com confiança que aguardamos e agradecemos o auxílio que puderdes dispensar a Moçambique no quarto trimestre de 1955!

Emissões Religiosas

Todos os Domingos, das 22,15 às 22,45, é a Mensagem Adventista transmitida em português através de Rádio Africa Maghreb, de Tânger, na banda dos 321 m.

Ouçá e recomende aos seus amigos.

EU VI-OS QUEIMAREM SEUS ÍDOLOS

por MANUEL DE CASTRO

A nossa viagem foi longa, mas, finalmente, chegámos ao nosso primeiro acampamento, em pleno mato. E por estas paragens devíamos permanecer durante alguns dias, morando numa pequena casa de capim. Tudo era modesto, de aspecto rude, mas essa deveria ser a nossa habitação durante a nossa estadia ali.

Assim que o carro chegou, mal havíamos descido e já uma multidão de mulheres, homens e crianças se aglomeravam à nossa volta, para saudarem os missionários. Nos seus rostos estampava-se o sorriso acolhedor e franco, característico dos nativos desta boa terra. — «Moyo-Moyo» — Boas-vindas, Boas-vindas — era o grito geral. Foi assim que teve início a campanha por nós realizada este ano.

Tudo estava em ordem, a aldeia limpa, a casa do missionário arrumada, havia água, lenha, enfim, tudo pronto para nos receber o melhor possível. Depois de acomodar-nos e colocado tudo em ordem dentro da pequena habitação que nos haviam destinado, passámos imediatamente à tarefa de resolver alguns problemas locais e organizar o trabalho para aquela noite. Lá fora, o fogareiro trabalhava e a minha esposa preparava a primeira refeição daquela dia.

À noite efectuámos a primeira reunião à luz duma grande fogueira. A noite estava fria, mas o calor do lume tornava a temperatura mais agradável. O povo vinha chegando aos grupos. Homens, mulheres e crianças não escondiam o seu contentamento e ansiedade por ouvirem o que o Missionário tinha para lhes contar. Cantámos alguns hinos, e depois da oração feita pelo pastor nativo Isaías Gonçalves apresentámos uma mensagem àquele povo sequioso da palavra de Deus. Eram 21 horas quando abandonámos o local da reunião para repousarmos naquela noite. O povo dispersava, fazendo comentários favoráveis acerca do que haviam ouvido.

No dia seguinte, cumprindo o plano traçado, partimos em visita à escola de Camanhangala, distante dali 20 quilómetros e situada em local inacessível ao nosso carro. Vimo-nos, pois, forçados a cobrir esta distância em bicicleta. Durante o per-

curso vimos dezenas de pequenas aldeias onde vivem centenas de almas desconhecidas do poder salvador de Jesus. E à nossa mente surge a pergunta: «Quando será esta gente evangelizada?» Poucos são os obreiros e extensa a seara.

Chegados à escola, lá encontrámos o nosso mestre nativo Novais Mensaque com sua jovem esposa, na sua pequena choupana. Estavam alegres e revelavam toda a felicidade concedida pelo seu recente casamento. Durante o dia fomos visitar as aldeias circunvizinhas e reunir o povo para com ele estudarmos a palavra de Deus. Foi ali que tive a oportunidade de ver pela primeira vez uma festa ritual e simbólica, a qual era dedicada ao «espírito» do seculo — nome aplicado ao velho fundador da aldeia — que havia falecido há algum tempo. Mulheres e crianças traziam os olhos pintados de branco, e à volta da cintura pendiam tiras de pano novo; nas mãos uma pequena enxada ornamentada igualmente com uma tiras de pano. Dançavam entusiasticamente ao som do tan-tan. Os homens, embriagados com «cachipembe» — bebida forte feita por eles — volteiam em seus bailados e de quando em vez fazem soar tiros de pólvora seca com as suas armas, para dar maior realce à festa. Havia ali uma pequena tenda feita de cobertores novos, onde o «chingange» deveria sentar-se. O chingange é uma espécie de médium e feiticeiro, e que neste caso ia tentar transmitir ao povo uma mensagem proveniente do «espírito» do seculo falecido. Dentro de momentos ouvimos gritos numa algazarra mista de alegria e temos. — «Lá vem ele, lá vem ele» — era o grito geral. Realmente pudemos divisar ao longe a figura dum mascarado, qual fantasma, dirigindo-se para a tenda.

Era o «muquixe» — representante do chingange — que, sendo o «espírito» representativo do «espírito maior», vinha para aplainar o caminho e endireitar as veredas tortuosas. Tudo seguiu o seu ritual, e algum tempo decorrido surgiu então o «espírito maior» — o chingange. Este vinha vestido de malha, justa ao corpo, e feita de fibras de raízes de árvores; na sua cabeça uma máscara e um capacete hor-

rendos davam-lhe um aspecto macabro; o corpo vinha pintado em cores berrantes; e os pulos e gestos que faz são verdadeiramente diabólicos; tudo isto leva o povo a gritar trémulo de medo diante deste «senhor dos espíritos». Lá vinha com uma mensagem diabólica. Aos seus pés depositaram uma cabra e uma galinha que deveriam ser degoladas e o seu sangue espargido e oferecido aos «espíritos» para lhes aplacar a ira contra o povo. Pobre gente, escravos dos seus vícios e superstições, precisando ser libertada das cadeias de Satanás. E presenciando este estranho espectáculo sentimos uma grande compaixão por eles, e decidimos ajudá-los a encontrar Jesus, o seu libertador, o seu melhor amigo.

Devíamos prosseguir com o nosso trabalho pois havia mais campanhas a realizar noutras aldeias.

Tudo de novo arrumado, reiniciámos a viagem, deixando após nós muita gente a saudar-nos amigavelmente.

Em Teixeira de Sousa, cidade limite com o Congo Belga, aguardava-nos o pastor nativo Jeremias, da Missão da Luz, que prontamente nos levou ao lugar onde devia realizar-se a campanha.

De novo instalámo-nos numa pequena cabana e iniciámos as visitas ao povo. Pudemos notar que em cada casa havia um altar construído aos deuses de pau e de barro. O nome do Senhor dos Exércitos era ali desconhecido. O vício, o pecado, a superstição traziam presos nas suas garras toda aquela gente. Alguma coisa devia ser feita em prol deste povo.

À noite, tivemos uma reunião à volta duma fogueira. Abri a Palavra de Deus, que, como espada de dois gumes, penetrou fundo nos seus corações. Operou-se grande transformação naquelas almas que se renderam a Cristo. Deveriam agora testemunhar a sua renúncia queimando os ídolos; optar entre o abandono dos seus deuses queimando-os e entregando as suas vidas a Jesus, ou continuarem escravos de Satanás. Um apelo foi feito, e no último sábado que ali passámos, foi com regozijo que vi-os trazer os seus ídolos e objectos de vício e feitiçaria para serem lançados às chamas. Não foi fácil para alguns desfazerem-se de tudo aquilo em que depositavam toda a sua esperança. Pude ver uma pobre mulher que por três vezes foi a sua casa a fim de trazer os seus ídolos. Dois poderes trabalhavam no seu coração:

o poder do bem e o do mal. Mas graças a Deus que o Espírito do Senhor saíu vitorioso e os ídolos foram queimados. Antes de atearmos o fogo, li o Salmo 115:1-10 e disse-lhes: — Os vossos deuses têm boca, e nós queríamos ouvi-los gritar quando começassem a arder. Escutai.

O fogo começou a sua obra destruidora e as labaredas elevavam-se rapidamente.

— Como vêem — prossegui — eles nada dizem, têm boca mas não falam. Portanto, como podeis confiar em deuses que são incapazes de se libertar do fogo?

Grande é o poder de Deus que está transformando vidas, modificando caracteres, e que de homens escravos do pecado faz herdeiros do eterno lar.

O nosso esforço foi coroado pelo regozijo que sentimos de poder baptizar 123 almas este ano.

Louvado seja o Senhor nosso Deus pelo que podemos fazer em seu nome.

Dívidas

(Continuação da pág. 6)

Compremos apenas o necessário, e isto só quando tivermos para isso o dinheiro em caixa.

Há olhos que nunca se fartam, tudo que vêem precisam comprar. Desta forma esgotam-se os recursos, não sobra nada para a obra de Deus que clama por falta de meios, dívidas são feitas, a fé enfraquece, e a ruína financeira e espiritual não demoram em aparecer. E tudo isto só porque não souberam controlar-se na questão dos seus gastos, que eram maiores do que as entradas. Que Deus nos dê da Sua sabedoria celestial, para não entrarmos na maldição das dívidas.

Campanha das Missões

No dia 2 de Abril inicia-se na União Portuguesa a Campanha das Missões. Todos os membros irão decerto colaborar, tornando assim possível que esta seja a melhor Campanha das Missões na nossa história.

UNIÃO ANGOLANA

RELATÓRIOS REFERENTES AO QUARTO TRIMESTRE DE 1954

I. ESCOLA SABATINA

Campos Missionários	Escolas	Membros	Classes	12 Sábados	Dons natalícios	F. Inversão	13.º Sábado	TOTAL
<i>Bongo</i>	Eur. 1	12	11	1.664.00	200.00			1.864.00
	Nat. 103	6.917	342	5.664.40	254.30	139.00	476.90	6.537.60
<i>N. Lisboa</i>	Eur. 1	27	2	1.982.70	346.50		583.00	2.912.20
	Nat. 72	4.466	219	3.017.30	242.50	338.00	913.40	4.561.60
<i>Namba</i>	Eur. 1	3	1	232.00	50.00		163.00	445.00
	Nat. 37	2.009	101	925.30	51.30	58.70	216.90	1.232.40
<i>Cuale</i>	Eur. 1	8	2	604.50	20.00		103.10	727.60
	Nat. 53	4.878	177	3.314.70	338.50	71.80	229.80	3.954.80
<i>Luz</i>	Eur. 1	7	2	1.190.50	90.00		1186.00	1.466.50
	Nat. 25	1.369	96	2.768.60	122.50	88.50	437.60	3.417.20
<i>Lucusse</i>	Eur. 1	3	2	455.00				455.00
	Nat. 18	661	29	281.90	6.00		56.90	344.80
<i>Benguela</i>	Eur. 1	77	19	4.696.50	332.50	85.00	991.40	6.105.40
	Nat. 11	60	1					
<i>Luanda</i>	Eur. 1	42	2	1.704.70	955.00	105.00	461.00	3.225.70
	Nat.							
<i>Quilengues</i>	Eur. 2	9	3	492.50			50.00	542.50
	Nat. 6	905	21	449.30	3.50	2.70	6.50	462.00
<i>Totais gerais</i>	Eur. 10	188	34	13.022.40	1.994.00	190.00	2.537.50	17.743.90
	Nat. 320	21.205	936	26.421.50	998.80	729.10		20.510.40
<i>União</i>	330	21.393	1.020	29.443.90	2.992.80	939.10	4.878.50	38.254.30

II. MISSIONÁRIOS VOLUNTÁRIOS

Campos Missionários	Soc.	Membros	Membros de G. Miss. ex	Devocão Matinal	Ano Bíblico	C. Leitura	Est. Bíblicos	Cont. Missionários	Pes. Soc.	Literatura	Alvo Missionário
<i>Bongo</i>	37	1799	1603	1748	320	262	3180	1809	1419	1650	1167.50
<i>Nova Lisboa</i>	22	906	1676	906	53	62	330	734	683	156	591.70
<i>Namba</i>	12	320	265	390	30	35	436	266	480	140	23.10
<i>Cuale</i>	26	1556	1422	1556			437	7614	1773	130	114.90
<i>Luz</i>	49	469	216	460	23		585	998	1018	94	170.00
<i>Lucusse</i>	9	292		292			220	70	109	44	19.00
<i>Quilengues</i>	4	90	82	86			35	56	99	9	
<i>Benguela</i>	2	38	52	20	3	12	71	195	141	164	537.00
<i>Luanda</i>	1	22		22			6	8	50	586	398.60
<i>Mocâmedes</i>											não enviou relatórios
<i>Total</i>	162	5483	4321	5480	429	371	5500	11775	5692	2973	2027.60

III. DEPARTAMENTO DA EDUCAÇÃO

Campos Missionários	Alunos das Catequese	Ensino Rudimentar	Ensino Primário	Curso de Catequistas	Total geral	Alunos Internos	N.º de Catequistas	Prof. nativos	Professores europeus	Total de Obreiros
<i>Inst. do Bongo</i>		588	38	40	466	222		8	4	112
<i>Bongo</i>	857	362			1291	200	36	4		40
<i>Nova Lisboa</i>	820	541			1361	187	25	3		28
<i>Cuale</i>	943	140	7		1090	99	18	2	1	21
<i>Lucusse</i>	143	32			175		1		1	2
<i>Namba</i>	320	80			400	39	10	1	1	12
<i>Quilengues</i>	110	56			166	4	5	1		6
<i>Luz</i>										não enviou relatórios
<i>Total</i>	3083	1543	45	40	4783	748	90	18	7	115

O Secretário
Armando J. Casaca

A mensagem chega aos Bundas

Além Lungué - Bungo

A Missão do Lucusse, desde há alguns anos para cá, entrou numa nova fase de vida. De uma pequena Missão com três catequeses, se transformou num Campo Missionário que compreende as regiões do Alto Zambeze, Sul das linha do Caminho de Ferro de Benguela, em direcção ao rio Lungué-Bungo e Bundas, onde se encontra a Vila de Gago Coutinho, a duzentos quilómetros além daquele rio.

Nestas terras as populações indígenas encontram-se em pequenos aldeamentos formados de poucas habitações e afastados uns dos outros por alguns quilómetros de distância. Por vezes, estes aldeamentos são compostos de meia dúzia de cubatas apenas, as quais são habitadas por um único homem e suas mulheres. Há muito poucas crianças; constituindo, até, motivo de grande regozijo o nascimento de algum bebé, tal é a raridade. A chegada do novo bebé é festejada com toda a aldeia, vindo parentes de longe com dádivas para o recém-nascido. É interessante reparar, quando em grupos as mulheres estão sentadas. As que não têm filhinhos pequenos, vão sucessivamente tomando no seu colo a criancinha que a mãe «emprestou» a uma delas; e, assim, se vão contentando por uns instantes acariciando a linda bonequinha ou bonequinho que a todas sorri na sua bela expressão infantil.

O clima, com a aproximação das chuvas, é de um calor quase insuportável. As areias escaldam os pés, não se sente, neste momento, a mais leve brisa. Pela janela, olhamos para a mata que nos cerca, tudo é silêncio. Todavia, ali passeia a onça e espreita o leão!

Durante este ano temos ouvido as notícias mais aterradoras. Bandos de leões têm infestado as povoações indígenas destas regiões, matando gado e devorando pessoas. O número de vítimas humanas é assustadoramente elevado. O povo passa as noites nas aldeias, a maior parte das vezes, gritando dentro das suas frágeis habitações e batendo com ferros de machados em enxadas para afugentarem tão terríveis feras que, roçando as cubatas, rugem atroadoramente. Os nossos catequistas, os nossos heróis, tudo isto também

sofrem compartilhando da sorte daqueles a quem desejam mostrar o caminho da Salvação. A existência do catequista é de-veras heróica! Isolado neste sertão, que não é o lugar onde nasceu, nem onde tem os seus pais e outros queridos e amigos, deixa a mulher, que é da sua tribo, e os seus filhinhos; e, penosamente, caminha pelos areais e florestas em horas de maior calor para dar um estudo bíblico a um pequeno grupo de ouvintes ou dirigir um culto numa escola ramificada a dez quilómetros, ou mais, da sua escola. Estes bons catequistas (bem como pastores zelosos), cooperam com o missionário em grandiosa e árdua tarefa. Tarefa grandiosa, sim, de levar a estas gentes do interior de África a Palavra de DEUS, pe-rene de esperança e consoladora.

A acção do obreiro nativo é religiosa e educativa. Ele é o professor e evangelista devotado à mesma Causa comum a que todos, desde há muitos anos, dedicamos as nossas vidas: A salvação das almas. Metade do dia, o catequista consagra-o ao ensino das primeiras letras, do português e da aritmética. O ensino da Bíblia do mesmo modo pertence ao programa escolar seguido. Na outra parte do dia, com a mulher dedica-se às fainas agrícolas, com cujo produto ocorre às suas maiores despesas: imposto indígena, etc. No tempo que lhe sobra faz trabalho de evangelismo com estudos individuais e outros. De manhã muito cedo, pouco depois do nascer do Sol, reúne-se com o seu povo para a vigília matinal. Aos Sábados realiza a Escola Sabatina e celebra o culto. Organiza e dirige as actividades dos «Missionários Voluntários», que muito concorrem para o sucesso da sua obra. E nas noites de calma e paz, quando a escuridão não oculta nenhum perigo, e mvolta de bela e grande fogueira se entoam hinos de louvores a DEUS e se escutam experiências encorajadoras...

A quarenta quilómetros ao Sul da nossa Missão do Lucusse, corre nas suas águas turvas o caudaloso Lungué-Bungo, a caminho do rio Zambeze. A princípio aquele

(Continua na pág. 16)

NOTÍCIAS DO CAMPO

ROBERT GERBER E DR. OTTO SCHUBERTH — De 16 a 18 de Fevereiro tivemos, em Lisboa, a visita dos Irs. Robert Gerber e Dr. Otto Schubert, respectivamente tesoureiro e secretário do Departamento da Educação da Divisão Sul-Europeia. Com eles estivemos fazendo alguns planos para o avanço da obra de Deus na União Portuguesa. A Igreja de Lisboa teve o privilégio de ouvir o Pastor Gerber na reunião pública de quinta-feira, 17.

UNIÃO ANGOLANA

PASTOR E. V. HERMANSON — Após mercedas férias nos Estados Unidos, regressou a Angola e foi chamado a dirigir a obra em Moçâmedes, o Pastor Hermanson.

O Campo de Moçâmedes, antes subordinado à igreja de Benguela, conheceu um prometedor desenvolvimento sob a direcção do Pastor A. Rodrigues e graças à desinteressada colaboração dos irmãos Carrilho, que desenvolveram uma acção missionária digna de registo.

Temos, em Moçâmedes, uma dezena de membros baptizados e uma boa escola sabatina. Desejamos ao casal Hermanson (a esposa ainda se encontra nos Estados Unidos por motivo da sua abalada saúde) as maiores bênçãos neste seu novo trabalho.

ANO ESCOLAR — Foram além de toda a expectativa os resultados do ano escolar em todas as nossas Missões. Todos os alunos apresentados a exame oficial no Instituto do Bongo foram aprovados. O júri que efectuou os exames foi unânime em afirmar que os alunos das escolas adventistas foram os melhor preparados.

Numa interessante cerimónia de encerramento do ano escolar, no Instituto do Bongo, foram diplomados novos catequistas que já se encontram em plena actividade nas Missões.

ALUNOS PARA HELDERBERG — Frequentam actualmente o colégio de Helderberg, na Divisão Sul Africana, 14 alunos da União de Angola.

A experiência de alguns tem sido deveras animadora. *Carlos Rodrigues* era um jovem, católico ferrenho, usando todas as liberdades para os seus dezoito anos. Os pais decidiram enviá-lo para um colégio adventista. A influência da escola foi poderosa. A sua vida sofreu uma grande transformação. Foi baptizado há poucos meses, e é ele agora quem recomenda aos pais para que estudem a Palavra de Deus, guardem o sábado e não deixem de frequentar a igreja adventista. Os pais fazem parte da classe baptismal da igreja de Nova Lisboa e já começaram a guardar os Mandamentos de Deus.

José Augusto é um outro jovem que veio ao conhecimento da mensagem pela leitura do livro: «Nós e nossos Filhos». Ele decidiu-se a guardar o sábado, abandonou o seu emprego e seguiu para Helderberg onde já iniciou os seus estudos. Estamos esperançados que estes jovens poderão ser uma bênção para a Obra de Deus em Angola.

JOSÉ DA SILVA BOTELHO — Vindo dos Açores, chegou em fins de Novembro o irmão José Botelho, esposa e filhos. O irmão Botelho, que chefiará a nova tipografia da União, está, por enquanto, dirigindo os trabalhos industriais e empregando toda a sua actividade na Missão do Bongo.

Ao darmos as boas vindas à família Botelho, formulamos os mais sinceros votos para que o Senhor os use para Sua honra e glória no Seu trabalho em Angola.

NOVO TEMPLO EM BENGUELA — No próximo mês de Abril, querendo Deus, terá lugar a dedicação do nosso lindo Templo de Benguela. Para o acto estão convidados o Presidente da Divisão, Pastor M. V. Campbell, e o Secretário, Pastor M. Fridlin.

O novo Templo, de linhas sóbrias, mas de estilo moderno, situado numa das mais importantes ruas da cidade, com capacidade para algumas centenas de lugares, será o primeiro Templo adventista, destinado à população branca da Província, excepção feita da casa de culto de Nova Lisboa.

DR. ROY PARSONS E ESPOSA — É esperado, no próximo mês de Março, após uma ausência de dez meses nos Estados Unidos, o Dr. R. Parsons e sua Esposa D. Mabel Parsons. O Dr. Parsons e sua Esposa empregaram a maior parte das suas férias prestando serviços no *White Memorial Hospital*, de Los Angeles. Durante esse tempo, acrescentou o Dr. Parsons mais um diploma aos que já possuía. Tirando o seu curso de radiologista, vem, assim, valorizar ainda mais a soma dos importantes serviços que desde há mais de vinte anos vem prestando a Angola.

RUBY VISSER — De regresso da África do Sul, aonde foi matar saudades da sua querida família e gozar umas curtas férias, chega, nos primeiros dias de Março a Angola, a irmã Ruby Visser, professora directora da secção feminina do Instituto do Bongo. A irmã Visser há uns vinte anos que vem dando o melhor do seu esforço à causa da educação em Angola. Seja, pois, bem vinda, junto das suas alunas e de todos quantos por cá trabalham.

Manuel Lourinho

CONFERÊNCIA PORTUGUESA

Lisboa

«Aquele que leva a preciosa semente... voltará sem dúvida com alegria, trazendo consigo os seus molhos».

Do que mais necessita o lavrador, que tem já a semente e a terra preparadas, é de semear, semear à direita e à esquerda. E, depois... «aguardar com paciência o precioso fruto da terra».

Em Outubro de 1953, apresentou-se na Igreja de Lisboa uma Irmã vinda de Angra do Heroísmo que passava a residir na Sobreda (Monte da Caparica); vinha com o seu marido e com seis

filhos, o mais novo dos quais com alguns meses de idade apenas. Passadas algumas semanas, escrevia-nos a nossa boa Irmã pedindo-nos que lá fôssemos visitá-la, porquanto já havia conseguido falar a algumas pessoas da mensagem e estavam interessadas em se reunirem. Lá fomos, a primeira vez, e nunca mais deixámos de ir, enquanto a nossa Irmã Cândida Sara Carneiro ali morou, isto é, durante quase um ano. Reuniam-se, semanalmente, umas 20 a 30 pessoas, algumas das quais se mantêm muito interessadas e, quando podem, vêm até Lisboa. Uma jovem, de 15 anos de idade, muito tem sofrido já por ter abraçado com fé esta mensagem. Não obstante a forte perseguição movida pelos seus pais e vizinhos, ela mantém-se firme e tudo o que ela deseja é baptizar-se. Mas, a maior vitória que Deus ali concedeu à nossa Irmã Cândida foi o facto do seu marido, que antes a perseguia por causa da Fé, ter aceito o Salvador, tendo-se baptizado no ano passado.

Em Outubro de 1954, esta família, por razões de trabalho, deixava a Sobreda para se estabelecer na Alagoa (Cova da Piedade). Não tardou que, devido ao espírito verdadeiramente missionário da nossa boa Irmã, nos pudéssemos ali reunir com um bom número de almas. Durante três meses lá fomos e achámos que era grande a sede espiritual daquele povo, tão acolhedor e simpático. Falámos ao nosso Irmão Director na necessidade de abrimos ali uma sala para reuniões, pois a casa da nossa boa Irmã, por maior vontade que ela tivesse, não era o suficiente para conter tanta gente. Entretanto, a Direcção da União, que já havia algum tempo procurava abrir o trabalho em Almada, entendeu por bem estabelecer-lo na Cova da Piedade. Já lá temos, portanto, uma casa alugada e esperamos, apenas, que se façam as obras de adaptação, para que os nossos queridos Irmãos e interessadas se possam reunir numa sala própria e com lugar para todos.

Deixámos de ter o encargo do trabalho na Cova da Piedade e passámos a dirigir a nossa atenção para Odivelas (entre Lisboa e Caneças). A nossa Irmã Jacinta Marques, ali residente, tem feito um esplêndido trabalho entre o povo daquela terra. Quando lá fomos, pela primeira vez, lá estavam umas 30 pessoas adultas. Há já dois meses que lá vamos, todas as semanas, e sentimo-nos cada vez mais entusiasmados a prosseguir, tanto mais que, de reunião para reunião, a assistência é maior. Já chegou a nossa Irmã, a contar 120 pessoas! As reuniões são feitas em sua casa, que, por ter divisões móveis, consegue albergar tanta gente. Algumas destas pessoas já se inscreveram na classe baptismal em Lisboa e vêm todos os sábados à Igreja.

O trabalho em Lisboa avança, com a graça de Deus. Desde o mês de Outubro passado que a Igreja iniciou uma campanha de evangelização que terminará no dia 3 de Março. Não podemos prever todos os resultados deste esforço colectivo da Igreja, mas, graças a Deus, alguma coisa já pôde ser vista. No Sábado, 5 de Fevereiro, tivemos a grande alegria de assistir à primeira cerimónia baptismal deste ano. Sepultaram as suas vidas passadas, nas águas baptismais, dez preciosas almas — cinco adultos e cinco jovens (foram também baptizadas neste Sábado cinco pessoas que foram apresentadas pelo Irmão Manuel Laranjeira, da Igreja do Barreiro).

No Sábado seguinte, iniciámos uma forte classe

baptismal e esperamos em Deus que mais almas sejam arrancadas do poder das trevas para a Sua maravilhosa Luz.

«Grandes coisas tem o Senhor feito pelo Seu povo e por isso estamos alegres».

Juvenal Gomes

Barreiro

«E todos os dias acrescentava o Senhor à Igreja aqueles que se haviam de salvar».

Assim aconteceu, pois, no Sábado, 5 de Fevereiro de 1955, quando às 3 e meia da tarde nos reunimos com o propósito de celebrar uma cerimónia baptismal no nosso templo em Lisboa.

Foi esta cerimónia presidida pelo nosso Irmão Director da União, Pastor Ernesto Ferreira, que teve a seu cargo o exame dos candidatos e o baptismo dos mesmos.

Em conjunto com uma dezena de baptizando de Lisboa, aqui do Barreiro se deslocaram para através do baptismo selarem o seu pacto com Jesus, 5 Irmãs que animadas por esta oportunidade deixavam transparecer nos seus rostos a sua alegria interior.

São estas cinco almas os primeiros frutos deste ano na seara do Senhor, e as nossas poucas forças, aliadas ao poder do Mestre, farão com que este ano possa ser de grandes vitórias.

Que as bênçãos do Senhor se possam fazer sentir sobre todos os campos da nossa denominação, são os votos deste vosso Irmão em Cristo

Manuel Laranjeira

MISSÃO DE CABO VERDE

Vila Real de Santo António

A notícia, que no passado número da Revista se publicou sobre a festa realizada pela juventude no fim do ano, era da autoria do jovem Leonel Pessanha e não do Pastor José Simões Grave. Rectificando, pedimos desculpa do lapso.

Ribeira do Ilhéu

Entusiasmados com os progressos deste risinho lugar da Ilha do Fogo, não podemos fugir à tentação de fazer hoje um pouco de história, desta futura igreja, para os nossos leitores.

Remontam a mais de 15 anos os primeiros contactos com algumas pessoas desta povoação, feitos pelo Pastor Alberto Raposo, então missionário na Ilha Brava, única igreja de Cabo Verde nesta data.

Tendo um grupo de pessoas algum conhecimento de assuntos religiosos talvez por influência evangélica, escreveram para a Brava pedindo explicações, as quais lhes foram enviadas, assim como alguma literatura.

O Pastor Raposo fez-lhes uma visita quando do seu regresso da Brava, em viagem para a Metrópole. A semente foi lançada, mas só em 27 de Janeiro de 1942 o Ir. João Esteves, então missionário na Brava, baptizou as primeiras cinco pessoas, das quais duas faleceram e as restantes abandonaram a fé, por volta de 1945, ficando este lugar sem representação do povo, que espera a vinda do Senhor, pelo espaço de 7 anos.

A mensagem chega aos Bundas Além Lungué - Bungo

(Continuação da pág. 13)

curso de água afigurava-se-nos como uma barreira intransponível, a qual nos não permitiria chegar a um dos termos do nosso Campo. Contudo, a dificuldade consistia na falta de obreiros. Com novos elementos cedidos de outro Campo, foi-nos possível transpor o grande afluente angolano e alcançar a região dos Bundas com o facho bem aceso do Evangelho. Naquelas novas terras, três catequistas iniciaram a sua acção entre tribos diversas que se congregaram e irmanaram, Bundas, Quiocos, Luenas, Luchazes, etc. A despeito de nesta área existirem, desde há anos, Missões de outros credos religiosos, os nossos bravos obreiros estão animados com os primeiros resultados obtidos durante os seus iniciais seis meses de labor, o que nos dá as melhores esperanças duma expansão nunca prevista. Temos visitado aquele trabalho e estamos decididos a abrir, dentro em breve, mais cinco novas catequese ali. Duzentos e quarenta quilómetros separam a Missão das primeiras aldeias de Gago Coutinho, sede dos Bundas; porém, frequentemente estamos em contacto directo ou por meio do pastor nativo, com aqueles obreiros para os encorajar e apoiar. As nossas catequese são bem conhecidas por toda a Província. As autoridades administrativas têm-nas em grande consideração, não fazendo a obra dos Bundas excepção a esta regra.

Sobas de outras terras nos procuram com pedidos de abrimos catequese nas suas áreas. Mas, «A seara é grande e os ceifeiros são poucos...»

Vitorino Chaves

Página da Juventude

(Continuação da pág. 8)

da tempestade virá a bonança, após o árduo trabalho o célico repouso.

Reconhecer um poder superior, transcendente, é já um bálsamo para as nossas vidas. A fé num Deus supremo desenvolve em nós o amor, o reconhecimento e apreço. Se reconhecermos em Deus o nosso Criador devemos acordar em fazer ou procurar seguir as leis que Ele nos indicou.

Guardar no lar um dia, repousar nesse dia do nosso trabalho habitual e costumeiro; deixar progredir o corpo em harmonia com as propriedades do espírito é o ideal que nos é proposto.

Essa ordem dada por Deus para o nosso descanso diz: «Lembra-te do dia de sábado para o santificares; seis dias trabalharás e farás toda a tua obra, mas o sétimo dia é o sábado do Senhor teu Deus; não farás nenhuma obra nem tu nem teu filho nem tua filha, nem o teu servo, nem a tua serva, nem o teu animal nem o teu estrangeiro que está dentro das tuas portas. Porque em seis dias fez o Senhor os Céus e a terra, o mar e tudo que neles há, e no sétimo descansou; portanto, abençoou o Senhor o dia de sábado e o santificou.»

A verdadeira observância do dia de repouso é uma arte para a qual têm de fazer planos os responsáveis no lar, porque ele produzirá refrigério tanto no físico como no espírito.

Que o casamento que vos espera, preza-dos jovens, possa quando se realizar, lancar a alegria no Céu, e trazer para o vosso lar as mais ricas bênçãos do Senhor.

Isto vos deseja o leitor destas singelas mas sinceras palavras

Manuel Laranjeira

NOTÍCIAS DO CAMPO

Numa das nossas visitas ao Fogo, encontrámos o ex-irmão Casimiro B. Amado, falámos sobre a fé e prometemos visitá-lo. De facto o Ir. Gregório Rosa foi à Ribeira do Ilheu com uma equipa dos seus voluntários pregadores leigos, mas constataram que havia pessoas que estavam tão ou mais interessados na mensagem do que o próprio que tinham ido visitar. As visitas continuaram, e a 27 de Dezembro de 1952 entre-ga-se ao Senhor o primeiro grupo dos restaura-

dores da Igreja da Ribeira do Ilheu, dos quais fazia parte o incansável irmão Antero Lobo Gomes e quase toda a sua família. Hoje, temos uma florescente congregação com quase trinta membros da igreja. Há ali uma sala de cultos onde se realiza metódicamente a Escola Sabatina e onde em breve haverá pregações públicas à noite. Estando a sentir a falta de um pastor para atender às necessidades desta parte norte da ilha, vizinha da bela povoação de Mosteiros.

Francisco Cordas